

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

MURIEL SABATINE PELOSO

OCULATUS ABIS

Porto Alegre
2019

MURIEL SABATINE PELOSO

OCULATUS ABIS

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a. Dra. Teresinha Barachini

Porto Alegre
2019

CIP - Catalogação na Publicação

Peloso, Muriel Sabatine
Oculatus Abis / Muriel Sabatine Peloso. -- 2019.
71 f.
Orientadora: Teresinha Barachini.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,
2019.

1. Desenho. 2. Arte digital. 3. Design. 4. Estampa.
5. Alquimia. I. Barachini, Teresinha, orient. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Muriel Sabatine Peloso

OCULATUS ABIS

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a.Dr^a. Teresinha Barachini (Orientadora) - DAV/IA/UFRGS

Prof. Dr. Adolfo Luis Schedler Bittencourt - DAV/IA/UFRGS

Prof^a. Dr^a. Marina Bortoluz Polidoro - DAV/IA/UFRGS

Porto Alegre, 2 de maio de 2019.

Para minha família, que esteve sempre ao meu lado durante essa maturação e para a Alquimia, por aflorar em mim quem realmente sou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à minha mãe por sua eterna paixão pelas artes, por sua criatividade e espontaneidade, as quais me guiaram e me guiarão por toda a vida, trazendo luz seja quão pesada for a escuridão. Ao meu pai, que não medirá nunca esforços para a minha felicidade, que apesar de receoso acreditou fielmente em minha capacidade, que muito se esgotou para que essa trajetória artística fosse possível e encheu meu coração de ternura. À minha orientadora, Tetê Barachini, que me ensinou o significado da Arte, que através da paciência e da dedicação reacendeu o meu amor e a minha esperança dentro do mundo artístico. Meu profundo agradecimento à Escola de Filosofia Nova Acrópole e à Alquimia, para que jamais deixemos apagar a divina chama.

Resumo

Na realização deste trabalho, uni minha prática tanto do desenho como do design. Optei por trabalhar com *Oculatus Abis*, expressão em latim que aparece na última gravura do livro *Mutus Liber* (1677), um dos mais populares sobre a obra alquímica, que significa em sua tradução literal "o que vê bem deriva dele". A frase em conjunto com a iluminura contribui para entender que aquele que passa pelo processo alquímico adquire olhos, vê melhor, alcança a clarividência que o fim da obra alquímica concede. Através desta temática, apresento desenhos realizados primeiramente em nanquim, depois digitalizados, vetorizados, editados e, em alguns casos, pintados com o auxílio de *softwares* e posteriormente impressos sobre papel. Apresento também a transformação desses trabalhos artísticos em produtos de design com a aplicação dos mesmos em estampas.

Palavras-chave: Desenho. Arte Digital. Design. Estampa. Alquimia.

Abstract

In the accomplishment of this work I have gathered my practice of both, drawing and design. I chose to work with Oculatus Abis, a Latin expression that appears in the last illustration of the book Mutus Liber (1677), one of the most popular on the alchemical work, which means in its literal translation "the one who sees well derives from it." The phrase together with the illumination helps to understand that the one who passes through the alchemical process acquired eyes, sees better, attains the clairvoyance that the end of the alchemical work grants. Through this theme I present drawings made first with nankin ink, then digitized, vectorized, edited and, in some cases, painted with the help of softwares and later printed on paper. I also present the transformation of these artistic works into design products with the application of them in prints as stamps.

Keywords: Drawing. Digital Art. Design. Print. Alchemy.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Muriel Peloso. S/Título (2009) Imagem digital. Fonte:
Autora.....12
- Figura 2 - Fotografia do desenho e da estampa realizados para *Wayward* (2017) Fonte:
Autora.....14
- Figura 3 - Fotografia da estampa e edição para *Wayward* (2016) Fonte:
Autora.....14
- Figura 4 - Muriel Peloso. Gráficos impressos em *shapes* realizados para a marca Planta Skateboards (2015). Foto de:
Autora.....16
- Figura 5 - Muriel Peloso. Primeiro *shape* de skate pintado à mão (2016) Foto de:
Autora.....17
- Figura 6 - Robson Santana com *shapes* pintados à
mão.....18
- Figura 7 - Muriel Peloso. Pintura sobre *shape* de skate (2016) Foto de:
Autora.....19
- Figura 8 - Páginas do Livro "*The Drawings of Leonardo da Vinci*" (1945) Foto de:
Autora.....21
- Figura 9 - Captura de tela (2019) Fonte:
Autora.....23
- Figura 10 - Captura de tela (2019). Fonte:
Autora.....23
- Figura 11 - Digitalização: Lâmina Original Mutus Liber (1677) Fonte: Artigo de Eugène Canseliet (1899-1982), publicado em 1968 pelo link
<<https://document.onl/documents/mutus-liber-o-livro-mudo-da-alquimiapdf.html>>.....
28
- Figura 12 - Carta "O mundo" do Baralho de Tarot de Rider-Waite (1978). Fonte: Site Privado.....29
- Figura 13 - Fotografia do processo do desenho *Oculatus Abis* (2019). Foto de:
Autora.....30
- Figura 14 - Digitalização: Lâmina Original Mutus Liber (1677) Fonte: Artigo de Eugène Canseliet (1899-1982), publicado em 1968 pelo link
<<https://document.onl/documents/mutus-liber-o-livro-mudo-da-alquimiapdf.html>>.....
32
- Figura 15 - Muriel Peloso. *Oculatus Abis* (2019). Desenho digitalizado. Fonte:
Autora.....33

Figura 16 - Fotografia do processo do desenho The Anatomy of Wisdom (2019). Foto de:	
Autora.....	34
Figura 17 - Muriel Peloso. The Anatomy Of Wisdom (2019). Desenho digitalizado. Fonte:	
Autora.....	36
Figura 18 - Fotografia do processo do desenho Coming Home (2019). Foto de:	
Autora.....	37
Figura 19 - Muriel Peloso. Coming Home/ Indo para casa (2019). Desenho digitalizado. Fonte:	
Autora.	39
Figura 20 - Fotografia do processo do desenho The Hall of Truth (2019). Foto de:	
Autora.....	40
Figura 21 - Muriel Peloso. O Salão da Verdade (2019). Desenho digitalizado. Fonte:	
Autora.....	42
Figura 22 - Fotografia do processo do desenho The Maturation Process (2019). Foto de:	
Autora.....	43
Figura 23 - Muriel Peloso. The Maturation Process (2019). Desenho digitalizado. Fonte:	
Autora.....	45
Figura 24 - Fotografia do processo do desenho Human Vivarium (2019). Foto de:	
Autora.....	46
Figura 25 - Muriel Peloso. Vivarium Humano (2019). Desenho digitalizado. Fonte:	
Autora.....	47
Figura 26 - Fotografia do processo do desenho Syzygy (2019). Foto de:	
Autora.....	48
Figura 27 - Muriel Peloso. Syzygy (2019). Desenho digitalizado. Fonte:	
Autora.....	49
Figura 28 - Fotografia do processo do desenho The Secret (2019). Foto de:	
Autora.....	50
Figura 29 - Muriel Peloso. The Secret (2019). Desenho digitalizado. Fonte:	
Autora.....	51
Figura 30 - Fotografia do processo do desenho As above So below (2019). Foto de:	
Autora.....	52
Figura 31 - Muriel Peloso. As Above So Below (2019). Desenho digitalizado. Fonte:	
Autora.....	53
Figura 32 - Fotografia do processo do desenho The Material World (2019). Foto de:	
Autora.....	54
Figura 33 - Muriel Peloso. The Material World (2019). Desenho digitalizado. Fonte:	
Autora.....	55
Figura 34 - Muriel Peloso. As Above So Below (2019). Desenho digitalizado. Fonte:	
Autora.....	57

Figura 35 e 36 - Muriel Peloso. Boné com a estampa realizada a partir do desenho The Material World(2019) Foto:	
Autora.....	59
Figura 37 e 38 - Muriel Peloso. Boné com a estampa realizada a partir do desenho The Material World(2019) Foto:	
Autora.....	59
Figura 39 e 40 - Muriel Peloso. Shoulderbag com a estampa realizada a partir do desenho The Material World(2019) Foto:	
Autora.....	60
Figura 41 e 42 - Muriel Peloso. <i>Boné com a estampa realizada a partir do desenho Coming Home (2019) Foto:</i>	
Autora.....	60
Figura 43 e 44 - Muriel Peloso. Detalhes de estampas em camisetas a partir dos desenhos Human Vivarium e Oculatus Abis (2019) Foto:	
Autora.....	61
Figura 45 e 46 - Muriel Peloso. Boné com a estampa realizada a partir do desenho The Anatomy of Wisdom(2019) Foto:	
Autora.....	62
Figura 47 - Muriel Peloso. <i>Tecido estampado a partir do desenho The Hall of Truth(2019) Foto:</i>	
Autora.....	63
Figura 48 - Muriel Peloso. Detalhes da exposição Oculatus Abis (2019) Foto:	
Autora.....	65
Figura 49 - Muriel Peloso. Detalhes da exposição Oculatus Abis (2019) Foto:	
Autora.....	66
Figura 50 - Muriel Peloso. Detalhes da exposição Oculatus Abis (2019) Foto:	
Autora.....	67
Figura 51 - Muriel Peloso. Detalhes da exposição Oculatus Abis (2019) Foto:	
Autora.....	68
Figura 52 - Muriel Peloso. Detalhes da exposição Oculatus Abis (2019) Foto:	
Autora.....	68
Figura 53 - Muriel Peloso. Detalhes da exposição Oculatus Abis (2019) Foto:	
Autora.....	69
Figura 54 - Muriel Peloso. Detalhes da exposição Oculatus Abis (2019) Foto:	
Autora.....	70

Sumário

Resumo	6
Abstract	6
Lista de figuras	7
Introdução	10
1. Origens, meios e suportes	11
1.1 Vou de Skate: do pictórico ao digital.	13
1.2 Suportes e linguagens	19
2. A anatomia da imagem	25
3. O íntimo exteriorizado	58
4. Conclusão	64
Referências	71

INTRODUÇÃO

Os meus trabalhos artísticos relacionam-se com valores construídos durante minha jornada e, nesta pesquisa, procuro analisar o seu simbolismo e as mensagens que estes podem carregar. Muitas das questões aqui abordadas surgiram ao encontrar-me com a cultura do skate, com a filosofia e com a alquimia, bem como, a necessidade de torná-las parte do desdobramento em produtos de Design.

Após uma breve revisão sobre meus conceitos pessoais de arte, retomei o desenho enquanto linguagem dentro do universo artístico. Esse estudo consiste, portanto, na realização e na análise de uma série de desenhos realizados por meio de canetas e penas com tinta nanquim que posteriormente foram digitalizados, vetorizados¹ e pintados digitalmente através da ajuda de *softwares*², tendo como tema principal simbologias advindas da alquimia.

Os desenhos foram criados a partir de simbolismos e ensinamentos da filosofia e da alquimia, também inspirados em lendas e contos orientais e na mitologia de diversas culturas. O principal objetivo dos significados por trás dessa pequena série é registrar ensinamentos e criar lâminas inspiradas no livro *Mutus*

¹ Tornar uma imagem elemento vetorial, elemento de formato digital onde é possível aumentar ou diminuir sem perder a sua qualidade.

² Programas digitais com ferramentas e funcionamentos específicos, neste caso, de edição de imagens.

Liber (1677)³, o livro mudo da alquimia, podendo assim, futuramente, criar um livro pessoal que abranja a junção de aprendizados que possam ser compartilhados.

Os resultados finais foram apresentados em uma exposição na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, no Instituto de Artes-UFRGS, intitulada *Oculatus Abis*⁴, expressão em latim que aparece na última gravura do livro *Mutus Liber* (1677).

1. ORIGENS, MEIOS E SUPORTES

Muitos artistas e professores de arte afirmam que a chave para a criatividade seria manter a curiosidade, a sensibilidade e a falta do medo de errar que carregamos desde a infância. “A familiaridade nos insensibiliza” (D. BOTTON, ARMSTRONG, 2013, p.64). Essas afirmações trazem um imenso significado quando procuro investigar por onde minha trajetória dentro do mundo das artes teve seu início. Existia uma grande peculiaridade que hoje me lembro, vagamente, da necessidade que sentia, mesmo pequena, de tentar representar no desenho aquilo que via e presenciava. Essa necessidade assomava e, sem medo de errar, eu rabiscava e pintava muito. Adulta, hoje, percebo que certas necessidades nunca se perdem e junto delas agregam-se novas. Logo, com o passar do pouco tempo já não era o suficiente representar aquilo que eu via, queria fazê-lo com exatidão, chegar cada vez mais próximo do meu ponto de referência, cada vez mais realista.

Através da internet, durante a minha adolescência, tive acesso a muitos mangás (histórias em quadrinhos japonesas), os quais impressionavam por sua simplicidade e, ao mesmo tempo, por sua coerência com os objetos representados. Porém, a quantidade de regras e estilos de traços cansou-me até fazer-me perder o

³ Livro raro, de escassas informações, atribuído apenas a um autor chamado Altus (escrito em sua primeira página), datado no ano de 1677 e achado na cidade de La Rochelle. Suas lâminas foram acessadas através do artigo informal do alquimista francês Eugène Canseliet (1899-1982) publicado em 1968 pelo link <<https://document.onl/documents/mutus-liber-o-livro-mudo-da-alquimiapdf.html>>

⁴ *Oculatus*, adj. I-Sent. Próprio: 1. que tem olhos, que vê bem. II- Sent. Figurado: 2. visível. *Ab*, prep. abl. e prev. Sent. Próprio: 1. procedência de, da parte de. 2. do lado de, do partido de, a favor de. *Is*, pron. 1. ele, ela, o, a, esta, este, isto, o supracitado, o referido. Segundo FARIA (1962, p. 672,529 e 11).

interesse pelos mesmos. Aos poucos, inclinei-me aos meios tecnológicos e, via internet, descobri o universo da ilustração e da fotografia.

Lembro-me que, no auge de meus doze anos, deparei-me com o programa Photofiltre⁵, o qual possuía inúmeras ferramentas, tornando qualquer tipo de manipulação de imagem possível. A possibilidade de criar montagens com minhas fotografias era como o sentimento de segurar em um lápis pela primeira vez, descobrindo um mundo por trás de uma tela de computador. Lembro-me, como se fosse hoje, da dificuldade de criar a imagem a qual, na época, muito me gabei: uma montagem que se resumia em meu corpo flutuando sobre a minha própria cama, vestindo um vestido branco, o qual pendia para baixo assim como meu cabelo - detalhes como esses eram muito importantes-, e meu corpo revestido de machucados e sangue falsamente aplicados com as ferramentas que obtive conhecimento (fig. 1).



Figura 1: Muriel Peloso. S/Título (2009) Imagem digital. Fonte: Autora

⁵ Photofiltre era *software* que teve seu lançamento no ano de 2001 e disponibilizado gratuitamente apenas no ano de 2005. O programa imitava quase todas as funções do Adobe Photoshop, da empresa Adobe Systems.

Logo, minha relação com a arte, assim como a grande maioria dos meus colegas, não teve seu início na academia, mas posso, com toda certeza, afirmar que sua maturação se deu nos anos em que frequentei o curso de graduação em Artes Visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entrei no IA-UFRGS em 2014, com uma modesta bagagem artística, um pouco de conhecimento sobre fotografia, algumas técnicas de artesanato, alguma experiência com os *softwares* de edição, as mãos sujas dos testes com experimentos de pintura e uma boa prática em desenho por ter sido meu caminho introdutório às artes. O desenho sempre significou para mim a base de todo projeto artístico. Mas atentei-me ao desenho mais como o processo e menos como o resultado final. E, nesse pensamento errôneo, percorri diversas linguagens que resultaram em tentativas frustradas de conseguir resolver aquilo que o desenho me passava com tanta naturalidade e fluidez.

Além do Instituto de Artes-UFRGS, busquei maneiras de me aproximar do Design e da Publicidade. Escolhas que, aos poucos, abriram horizontes até então desconhecidos e que somaram conhecimentos valiosos para o meu processo artístico.

1.1 Vou de Skate: do pictórico ao digital.

À parte da carreira acadêmica, aos meus dezoito anos, no final do meu primeiro ano na graduação, abri uma microempresa (*Fuel&Fire Studio*). Era um estúdio de criação, que além de sediar a marca de roupas *Wayward*, a qual mantenho até hoje, juntamente com meu companheiro e sócio Rafael Zahn da Silva, também acolhia meus projetos autônomos e *freelancers* que comecei a realizar para pessoas físicas e jurídicas nas áreas de *Social Media*⁶ e *Branding*⁷ dentro do Design Gráfico. Para a marca de roupas *Wayward*, produzo ilustrações que compõem

⁶ Responsável pela criação de conteúdos gráficos para redes sociais.

⁷ Criação e desenvolvimento de marcas.

estampas localizadas e corridas, além de logotipos, etiquetas e redes sociais (fig. 2 e 3).



Figura 2: Fotografia do desenho e da estampa realizados para *Wayward* (2017) Fonte: Autora



Figura 3 - Fotografia da estampa e edição para *Wayward* (2016) Fonte: Autora

Essas experiências acima, com a área de design, moldaram muitos projetos que realizei durante minha graduação, moldaram minha rotina criativa e as minhas relações com as artes visuais. Posso questionamentos sobre como a interdisciplinaridade entre o design e a arte percorre caminhos tão próximos. Busco compreender como é possível produzir arte dentro de um computador e se seria possível, através desse novo meio expressivo, sentir-me à vontade no processo criativo. Busco responder esses questionamentos e apagar os pequenos preconceitos construídos durante minha vida profissional e acadêmica na contextualização desta pesquisa.

Quando embarquei no meu penúltimo ano dentro do Instituto de Artes, brevemente desmotivada e atordoada entre a tela de pintura e a tela do computador, sem entender como unir estes dois interesses, acabei por afastar-me da academia. Durante o semestre de afastamento, consegui ver mais claramente a influência que a cultura do *skate* tinha para a minha vida e a sua relação com a arte.

A partir da influência do meu companheiro, praticante assíduo de *skate*, obtive alguns clientes dessa área. Dois foram os principais, que me deram a extraordinária oportunidade de realizar gráficos para serem impressos em *shapes*⁸ (fig. 4 e 5). O *shape* do *skate* agora era o meu suporte, era a minha tela. Com canetas e tintas acrílicas, produzi ilustrações como nunca havia produzido antes, pois me encontrava motivada e sem o compromisso acadêmico, mas com a intimidade adquirida entre o meu corpo, o objeto e sua carga cultural. Ao voltar para o Instituto de Artes-UFRGS, trazia a inspiração a qual saí para buscar e, em minhas mãos, mais um universo encontrado por mim pedindo sedentamente para ser revirado e explorado.



⁸ O *shape* do skate é o seu corpo, prancha retangular arredondada feita a partir da junção de lâminas de madeira MDF própria para proporcionar o peso e o formato correto.

Figura 4 - Muriel Peloso. Gráficos impressos em *shapes* realizados para a marca Planta Skateboards (2015). Foto de: Autora



Figura 5 - Muriel Peloso. Primeiro *shape* de skate pintado à mão (2016) Foto de: Autora

A arte dentro dessa cultura entra por intermédio do *design*, nos gráficos dos *shapes*, nos gráficos das rodas e nas intervenções gráficas dos vídeos de *skate*. Expressivos, irônicos, questionadores, subversivos e muito ligados à cultura *Pop*.



Figura 6 - Robson Santana com *shapes* pintados à mão.

Fonte:

<<https://www.redbull.com/br-pt/a-arte-com-skate-alem-das-manobras-com-tres-artistas>>

Acredito que os skatistas absorvam a influência dos meios digitais que os rodeiam atualmente, pois são altamente rodeados por atuantes da *Glitch Art*⁹, *Vaporwave Art*¹⁰ com resquícios da *Pop Art*¹¹, dentre outros estilos também citados no livro *Arte Digital* (2010) de Wolf Lieser. A expressividade na cultura do skate é hoje tão digital quanto real. Sua ironia, seus questionamentos, a vivência na rua não foram apagados ou devastados pelo avanço tecnológico, mas ao contrário, tomaram força com os recursos tecnológicos disponibilizados pela internet. Durante essa pesquisa, identifiquei-me com muitos skatistas-artistas que começaram sua carreira dentro da arte, utilizando o *shape* como seu suporte para ilustrações e até mesmo esculturas. O *shape* de madeira passa a ter a sua função ressignificada. Assim, o suporte do *skatista* torna-se o suporte do artista, como por exemplo, para o artista

⁹ "Glitch é um termo usado para descrever falhas de um sistema. Essas falhas acontecem de maneira acidental no nosso dia a dia (...). Na arte, glitch seria a estetização desses erros." Bruna Morais, em sua *Introdução ao Salão de Iniciação Científica - UFRGS* (2015)

¹⁰ Segundo Ícaro Raymundo (2016, P. 3 e 4 -), a *Vaporwave Art* iniciou-se por volta do ano de 2010 e trata de imagens e áudios de experimentação com recortes, edições e elementos popularmente repetidos como estátuas, palmeiras, símbolos japoneses e cores específicas, como forma de ironia e questionamento à comunicação de modo geral.

¹¹ Lais da Costa (2014) resume a *Pop Art* como movimento artístico que teve sua maturação nos anos 60 com o objetivo de criticar os meios de comunicação de massa que incentivavam o consumismo através da reprodução, dos temas e cores vibrantes.

brasileiro Robson Santana (Fig.6) e para os artistas norte-americanos Clint Peterson e Dennis McNett.

1.2 Suportes e linguagens



Figura 7 - Muriel Peloso. Pintura sobre *shape* de skate (2016) Foto: Autora

Com minha bagagem um pouco mais pesada e alguns *shapes* de skate em mãos, acreditei estar pronta para iniciar meu projeto de graduação. Tudo aparentemente em ordem: a técnica, o conceito, o suporte. Um pé no *design* e outro no *skate*, uma mão na pintura e outra no digital. Meu projeto inicial de TCC estava baseado na tentativa de representar com a pintura sobre a madeira do *shape* do *skate* as técnicas que aprendi no digital (Fig. 7).

Dirijo-me ao design em busca de alguma solução. Com a minha experiência na estamparia, havia outro suporte que muito me atraía: o tecido. Busquei no digital as ideias que anteriormente procurava na pintura e meu suporte agora passava a funcionar como uma estampa. Produzia a imagem digital através de técnicas, edições e pinturas digitais e, no fim da produção artística, a imagem era impressa em tecido. A trama do tecido unindo-se com a estampa, trazia vida à imagem aos meus olhos.

Quando pensava em expor um desenho sobre papel, parecia-me pouco e sentia essa insegurança durante todo o meu percurso no IA-UFRGS. No entanto, lembrando, foi no grafite do lápis que muito busquei pelo realismo na representação, teimei em aprender todas as técnicas possíveis para que aquilo que eu via se tornasse uma fotografia. Observava constantemente os estudos de Leonardo da Vinci, Michelangelo, Rembrandt, como se fossem suas verdadeiras obras-primas. O traço solto, leve, *sketchs* que me apresentaram o íntimo, contavam-me muito mais do que uma pincelada, do que uma técnica. Sussurravam o árduo trabalho do processo artístico, mas mais do que isso, a paixão do artista pelo estudo, pelo compromisso com a arte.

Nessa caminhada de entender tudo o que o desenho significava, obtive minhas primeiras canetas a nanquim, e logo após, minhas primeiras bico de pena, e ora hoje reflito que certamente fora um caminho sem volta. A técnica parecia estar resolvida, porém a estrada nem sempre se mostrou retilínea, existiam barreiras e obstáculos que eu mesma impus, acreditando que para ser conceituada como artista precisava mostrar mais do que um desenho sobre um papel, mesmo que este fosse minha representação mais íntima.

Rondando entre diferentes suportes e meios de me comunicar dentro do mundo artístico, voltar para o papel e para o nanquim, parecia-me como voltar para casa. Não necessariamente cômodo, pois este certamente não era, mas a intimidade da relação com eles era óbvia e visível desde meus primeiros trabalhos.

Relembrei os desenhos antigos que muito acompanhei através de uma pequena televisão na sala de casa, os livrinhos que repetidamente os lia até que, mais cedo do que esperava, sabia-os de cor. De cor, de coração, ficaram marcados em mim, com certa dose de nostalgia, o desenho, a gravura e as pinceladas de aquarela, analisava-os até que a história os tornava reais, quase que tridimensionais. Este sentimento vem à tona quando me deparo pela primeira vez com um livro dos desenhos de Leonardo da Vinci, sentada em meio a Biblioteca Central (fig. 8). Os traços e a tinta sobre a textura do papel remetem-me instantaneamente às gravuras alquímicas. Com as canetas a nanquim, penas de metal, penas de bambu e meu vidrinho de tinta, percebo nessa mídia a intimidade que buscava.



Figura 8 - Páginas do Livro “*The Drawings of Leonardo da Vinci*” (1945) Foto de: Autora

O suporte tornava-se também um questionamento constante. Pela forte ligação com a estampa, observava meu prazer ao ver uma ilustração ou obra estampada no tecido trazendo as tramas dos fios para fora da arte. Entretanto, ainda seria cedo para resolver um suporte histórico tão pesado e com uma relação quase inseparável do design, do produto. Era necessário resolver minha conexão com suporte inicial: o papel.

Todas as idas e vindas certamente não foram ao acaso, o nanquim e o papel solucionavam meus questionamentos e resolviam-se, completavam-se, não conseguiria imaginar outra técnica sendo aplicada no papel sem que interferisse nessa relação harmoniosa. Voltava-me novamente ao digital para buscar a limpeza da arte final, o refinamento e a cor. O processo artístico agora estava completo e satisfazia-me em todos os seus aspectos, o papel rascunhado com o grafite, minhas mãos sujavam-se no nanquim e, do papel, o desenho era digitalizado. No digital, com o auxílio do *software Illustrator*¹², o desenho era vetorizado, limpo, suas linhas eram refinadas sem perder os detalhes do nanquim. Com o desenho devidamente finalizado, era possível agora escolher ou não a pintura digital.

No digital, a pintura funciona como o desenho no papel, há linhas, nada mais. Com um pequeno *tablet* e sua caneta, no *Photoshop*¹³ ou no *Illustrator*, preencho em linhas coloridas alguns dos desenhos digitalizados, aqueles em que a cor possa somar em sua estruturação. No sistema vetorial, como no *Illustrator*, é possível ver as linhas que seguem o rastro da ferramenta pincel (fig 9 e 10). Após a conclusão do desenvolvimento digital, o desfecho do processo artístico volta para seu suporte de origem. O trabalho é impresso, traz vida às texturas do papel, sem interferências, limpo e refinado, o resultado torna-se valorizado a partir da junção de processos artísticos distintos.

¹² Software de edição vetorial da empresa Adobe.

¹³ Software de edição de imagem da empresa Adobe.

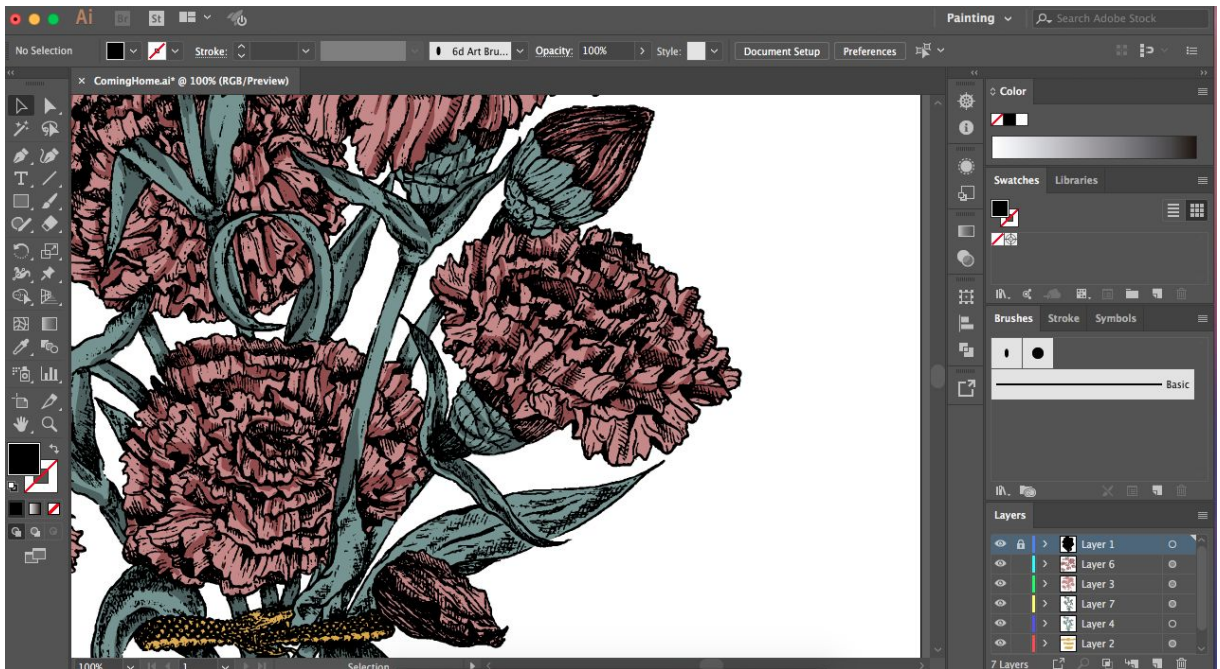


Figura 9: Captura de tela (2019) Fonte: Autora.

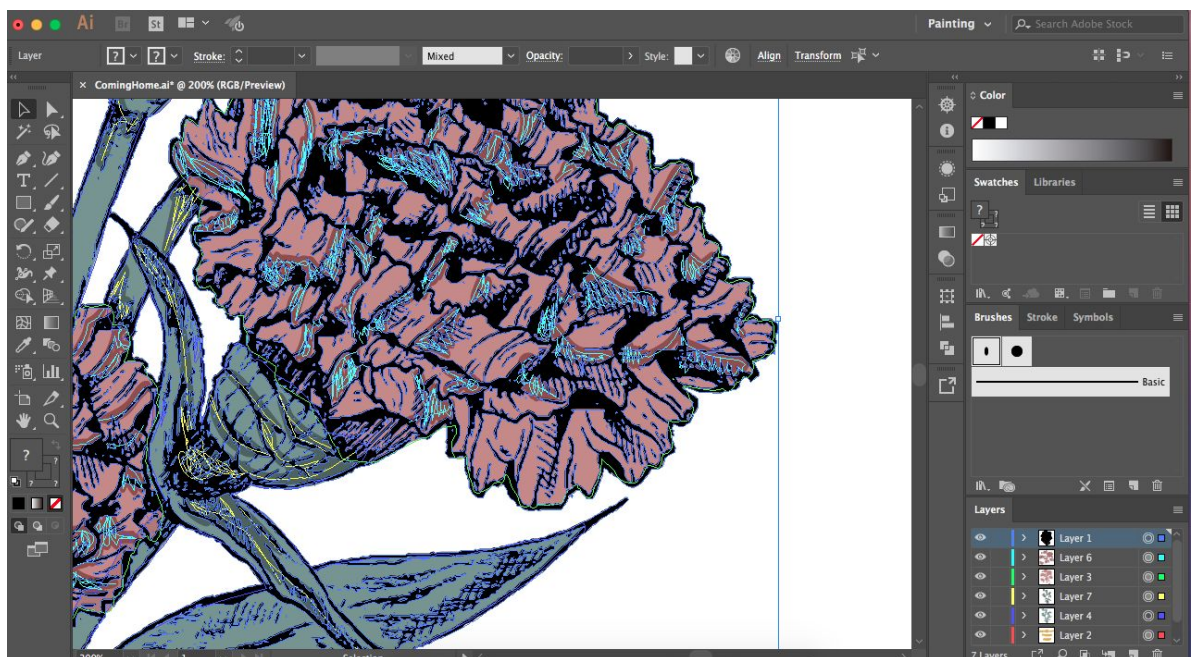


Figura 10: Captura de tela (2019). Fonte: Autora.

O suporte, a linguagem, a técnica, tudo se encaixava. O nanquim, o digital e o papel coexistiam agora em harmonia e, tendo essa problemática resolvida, encontrei a solução a qual muito busquei para apresentação desse estudo. A exposição *Oculatus Abis* (2019) apresentava doze desenhos. Todos os desenhos foram

estudados e desenhados à mão, algumas vezes, com caneta a nanquim, outras, com bico de pena, técnicas que davam a oportunidade de acrescentar o máximo de detalhes sem interferir em sua composição. Cada desenho foi digitalizado, vetorizado, limpo e editado separadamente e, após esse refinamento, decidia, caso fosse necessário, adicionar cor através da pintura digital ou não. Caso não fosse, o desenho era impresso, caso fosse, com a ajuda dos *softwares*, dava o acabamento necessário e então era impresso.

2. A ANATOMIA DA IMAGEM

O suporte, a linguagem, a técnica, tudo se encaixava. Não obstante, minha mente vagava entre as temáticas. No decorrer desse estudo, quando me voltei para a técnica e o suporte, a fim de entender minha relação íntima com os mesmos, afastei-me do skate e do design. Fui apresentada e lentamente introduzida a leituras, estudos e práticas advindas do ocultismo. O que se iniciou como breves leituras e textos introdutórios à religião *Wicca*, aprofundou-se para as raízes da alquimia e da filosofia clássica, onde densos textos me carregavam a um território por uma vez sempre almejado e, não obstante, completamente desconhecido.

À proporção que entendia a *Wicca* e seus principais preceitos, procurei afastar-me de suas divindades míticas e da nomeação dos seres cultuados à procura de um viés que se encontraria melhor com o que havia em minha mente. “Uma ampla Religião Pagã baseada na reverência às forças criativas da natureza, normalmente simbolizadas por uma deusa e por um deus, como também seus praticantes de ambos os sexos”, seria a breve descrição do escritor e praticante Scott Cunningham em seu livro introdutório, *Guia Essencial da Bruxa Solitária* (1997). Guia esse que me acompanhou durante este meu processo criativo.

A magia prática nas cerimônias sazonais ou *Sabás* (rituais sazonais), o culto à natureza representada através dos dois principais deuses e o estudo sobre a mesma, sua moralidade seguida do conselho “faça o que desejar sem machucar ninguém”, e seus ideais de alinhamento entre o corpo e espírito enchiam o meu peito e convidavam a minha mente a desbravar o início e o mais bruto de todas essas idealizações e compreensões.

Por culpa de um anseio infindável, minha curiosidade perambulou seguindo uma linha histórica de abundante ramificação, perdendo algumas horas de sono até então pisar no chão de meu principal objeto de estudo: a alquimia.

A alquimia instala-se a meio caminho entre o que podemos considerar uma técnica e uma sabedoria. Ou seja, no ponto de contato entre, de um lado, o despertar da consciência do homem no embate com a natureza – momento em que surgem as técnicas arcaicas e as crenças aurais da humanidade

ligada a um pensamento mágico e à crença no sobrenatural; e, do outro lado, a irrupção do espírito como uma nova maneira de pensar que surge nos anos entre 800 e 200 a.C – tendo o surgimento da filosofia grega como expoente no Ocidente – , ali quando a consciência humana já atingiu seu alto nível de sabedoria. (LOPES, 2013, p. 153.)

Apesar de escassas informações, a Alquimia não fora apenas o berço para a química e para a psicologia, mas também para as ciências ocultas a partir do Hermetismo¹⁴. Na busca por saciar essa sede de informações, encontrei no decorrer de tantas viagens pela internet, a escola de filosofia Nova Acrópole, além das inúmeras sedes pelo Brasil e pelo mundo. A escola possui um canal no *Youtube*¹⁵ com palestras gratuitas sobre filosofia, arte, religiões e culturas orientais e ocidentais. Foi assim, com as palestras da professora Lúcia Helena Galvão Maya, professora de filosofia e palestrante há trinta anos na instituição, que me foi possível aglomerar todas essas informações que anotei e registrei. A primeira palestra visualizada, chamada “A alquimia na Idade Média”¹⁶, trouxe simbolismos suficientes para encantar-me.

O Três Vezes Grande, O Três Vezes Iniciado, esses seriam alguns nomes que designavam o fundador dos preceitos da Alquimia, Hermes Trismegisto. Raras são as informações que nos foram transferidas sobre esse ser oculto, o qual muitos estudos ainda questionam sua real existência, devido não só à perda de muitas escrituras mas, inclusive, por terem sido estudos reclusos e omitidos para a grande parte da população, proporcionando-nos o termo, até hoje utilizado, hermeticamente fechado.

A imagem de Hermes Trismegisto fora inicialmente sincretizada com a imagem do Deus egípcio Thoth, deus da sabedoria, também esse relacionado ao deus romano Mercúrio, pelas prováveis semelhanças entre suas atribuições, segundo a Professora Lúcia Helena Galvão Maya, em sua série de palestras sobre o livro “O Caibalion” (1978)¹⁷. O deus romano Mercúrio, por sua vez, fora incorporado

¹⁴ Segundo as leis e argumentos de Hermes Trismegisto.

¹⁵ Canal Nova Acrópole <<https://www.youtube.com/user/NovaAcropole>> Acesso 25 abr. 2019.

¹⁶ Palestra "A alquimia na Idade Média" <<https://www.youtube.com/watch?v=8whFz7B-qDQ&t=3319s>> Acesso 25 abr. 2019.

¹⁷ Livro escrito pelos autores Os Três Iniciados, anônimos, que visam repassar as leis universais hermetistas, publicado pela primeira vez em 1908.

na era grega pelo deus Hermes, o mensageiro dos deuses, entretanto, escassos, quase nulos, são os resquícios sobre a real vida de Hermes Trismegisto. É o que comenta Julius Evola, em seu livro *A Tradição Hermética* (1971). Estipula-se que Hermes tenha vivido em datas que variam entre 1500 e 2500 a.C., segundo Maya. Considerado o pai da Alquimia, através dos princípios herméticos, Hermes nos deu acesso às que seriam As Leis Universais, como foram chamadas pelos Três Iniciados, autores do livro *O Caibalion* (1978), obra na qual promete unificar as leis encontradas nos escritos designados a Hermes Trismegisto, arriscando-se a desmembrá-las tornando acessível seu entendimento.

A alquimia, na qual tenho como principal motivação para esse estudo, não é a mesma que ambiciona a transmutação de metais simples em ouro como muitas pessoas julgam conhecer. Os textos alquímicos sugerem muitas interpretações e causaram, como causam ainda, muitos mal-entendidos devido às suas metáforas e métodos para chegar sempre e unicamente aos seus aprendizes. Acredita-se, segundo a professora Lúcia Helena Galvão Maya, na mesma palestra citada anteriormente, que o antropólogo Mircea Eliade (1907-1986) e o fundador da psicologia analítica Carl Jung (1875-1961), em seus termos tratados nos textos alquímicos, especialmente seus principais estudos como a transmutação dos metais, seriam metáforas que estariam intimamente ligadas à jornada de evolução da consciência humana e a transmutação real seria transformar o homem comum em um homem de ouro, na sua busca pela sabedoria.

Essa seria chamada de alquimia mental que, seguindo as sete leis universais do hermetismo, encaminha os homens para a união e evolução, não apenas de uma inteligência terrena, mas especialmente de uma inteligência emocional, psicológica, que constrói as relações humanas e as relações do homem com o próprio universo e, é o que me inspira e contribui para esse estudo que aqui apresento como meu TCC.



Figura 11 - Digitalização: Lâmina Original Mutus Liber (1677) Fonte: Artigo de Eugène Canseliet (1899-1982), publicado em 1968 pelo link <<https://document.onl/documents/mutus-liber-o-livro-mudo-da-alquimiapdf.html>>

Mutus Liber (1677), um dos principais livros alquímicos e o único a retratar o trabalho alquímico em 15 lâminas com iluminuras complexas, densas, repletas de símbolos e significados ocultos sobre a arte alquímica (fig 11). As gravuras remetem ao desenho e seus traços relembram a pena a nanquim, e assemelham-se muito aos desenhos das cartas de *tarot*, principalmente ao *Tarot de Rider-Waite*, ilustrado pela artista Pamela Colman Smith, com o qual tenho mais intimidade e que viera a se tornar o *tarot* mais conhecido, lançado em 1978 (fig 12).



Figura 12 - Carta “O mundo” do Baralho de Tarot de Rider-Waite (1978). Fonte: Site Privado.

As lições e ensinamentos que coletei nessa caminhada de autoconhecimento, apesar de pouco tempo, foram suficientes para gerar e criar em mim a necessidade de exteriorizar o conhecimento adquirido novamente, expor de alguma forma em que pudesse ser passado adiante, não apenas para mim, mas sentia agora a necessidade de transformar esse estudo tão íntimo em algo coletivo.

O desenho a nanquim foi realizado por mim durante toda a graduação. Foram muitos *sketchbooks*, muitos *doodles*, muitas estampas e muitos desenhos. E agora, não só o traço e a linha são importantes, mas a relação com os significados gerados a partir dos meus desenhos. Desejo poder retratar o que no plano mental a alquimia e a filosofia me ensinavam.

Foi na junção do amor pelo nanquim, na sua relação com o suporte do papel, na minha facilidade e leveza no digital e, ainda, na minha necessidade de transmitir uma mensagem poética que nasceram os trabalhos apresentados na exposição

Oculatus Abis (2019). Entre dúvidas e turbulências, pela primeira vez em muito tempo, encontro-me diante da arte e ela não me soa mais como algo oculto e desconhecido que muito amedrontou-me durante a minha graduação, hoje faço as pazes com ela e iniciamos aqui uma longa jornada.

Ensinamentos e lições que a vida me trouxe através da filosofia, da alquimia e de minhas próprias experiências e estudos e das palestras abertas ao público da Escola Nova Acrópole inundavam minhas noites. Desde as leis herméticas até os contos orientais, cada aprendizado somava um pequeno detalhe nos meus desenhos.

2.1 *Oculatus Abis*



Figura 13 - Fotografia do processo do desenho *Oculatus Abis* (2019). Foto de: Autora

Início, portanto, pelo desenho que dá o nome à exposição resultante dessa pesquisa (fig. 13), *Occulatus Abis* (2019). Sabendo da pertinente influência do livro mudo da alquimia no meu processo artístico, como citado anteriormente, o *Mutus Liber* registra através de ilustrações o processo alquímico, ou seja, o processo de realização da *Pedra Filosofal*. Esta permitiria ao homem transmutar qualquer metal inferior em ouro, bem como com adquirir o *Elixir da Longa Vida*, que prolongaria a vida, assim como cita o erudito francês Magaphon, pseudônimo de Pierre Dujols, em seu texto comentado sobre o *Mutus Liber* “*Hypotypose*”.

Segundo estudiosos como Magaphon e Jung (1992)¹⁸, o livro repleto de simbolismos trata de maneira simbólica o despertar do ser humano para a sabedoria e o entendimento. No árduo processo, a humanidade estaria acordando para a sua própria existência, percebendo o seu papel no mundo como ser humano sem ser levado pelo andar cego da sociedade, podendo assim ajudar a elevar a consciência de todos os homens. No final desse processo, bem como retrata a última gravura do livro, o homem fecha os seus olhos terrenos para abrir os olhos da alma, da sabedoria (Fig.14). Seguindo como referência, nessa gravura podemos observar a frase “*Oculatus Abis*” escrita na faixa proferida pelo casal de alquimistas.

¹⁸ No livro *Psicologia e Alquimia* (1992), Carl Jung explica sua teoria sobre a obra alquímica relacionar-se com a evolução psicológica e mental do ser humano.



Figura 14 - Digitalização: Lâmina Original Mutus Liber (1677) Fonte: Artigo de Eugène Canseliet (1899-1982), publicado em 1968 pelo link <https://document.onl/documents/mutus-liber-o-livro-mudo-da-alquimiapdf.html>

Oculatus Abis, aquele que criou olhos, olhos derivados do resultado da obra alquímica que chega ao fim. Em meu desenho, retomo a ideia dos pequenos arcanjos, símbolos da inocência, que carregam a faixa com a escrita. Sete arcanjos, o número da evolução espiritual, ou seja, do ciclo completo, número sagrado da ordem do universo e sua abundância, segundo Lexikon (1978)¹⁹.

Além disso, os anjos voam despreocupados, quase que adormecidos, de olhos fechados. Os olhos físicos se fecham para que os olhos espirituais possam se abrir, sorriem assim calmamente, sabendo que os olhos que os guiam agora têm certeza do caminho. Há um último anjo ainda em aprendizado, alongando seu braço em busca da sabedoria, não obstante um de seus olhos busca ainda espiar o mundo terreno, os instintos humanos e suas emoções inferiores, sua necessidade carnal e o conhecimento extremo de um mundo passageiro. Somos todos ainda aprendizes.

¹⁹ Dicionário de Símbolos (1978, p. 183).

Nesse registro, pretendo reafirmar a ideia de representar algumas das lições que aprendi durante os meus estudos. A partir desse momento, abro os olhos e posso entender com mais clareza os aprendizados, podendo assim exteriorizá-los, comunicá-los e almejar infinitamente pela busca e pela transmutação.



Figura 15: Muriel Peloso. *Oculatus Abis* (2019). Desenho digitalizado. Fonte: autora.

2.2 The Anatomy Of Wisdom



Figura 16 - Fotografia do processo do desenho The Anatomy of Wisdom (2019). Foto de: Autora

A iniciação torna-se real. Como foi citado anteriormente, o Deus Mercúrio possui uma íntima relação com a imagem de Hermes Trismegisto. Percebe-se isso em seu caduceu, símbolo do conhecimento iniciático, assim como o equilíbrio entre o bem e o mal (na representação das serpentes), há também o equilíbrio entre o plano físico, o plano mental e o plano superior em sua extensão vertical, simbolizando o equilíbrio de forças contrárias (LEXIKON,1978). Hermes Trismegisto, Thoth ou Mercúrio, todos eles, em sua sincretização, correspondem a um homem de muitas obras e reconhecido por ser três vezes iniciado, três vezes capacitado no desenvolvimento de uma consciência elevada.

Em sua tradução, A anatomia da sabedoria, o desenho registra um tipo de dessecamento do corpo do deus Mercúrio como um estudo anatômico de Da Vinci. O deus aponta para cima com a mão direita e a mão esquerda segura firmemente o caduceu com o indicador que aponta para baixo: o que está acima é como o que

está abaixo, uma das principais leis universais do Hermetismo, a lei da correspondência.

As três figuras, que coincidentemente remetem à tríade do Caduceu: físico, mental e divino, permitem a análise e a procura de algo em que podemos nos identificar como seres humanos em uma figura divina. O estudo da anatomia serve para que possamos ver a sua carne e os seus ossos, bem como serviria a figura do herói. Na evolução psicológica, segundo Joseph Campbell, em sua obra *O Herói de Mil Faces* (2007), o ser humano tem como objetivo o divino ou ânsia por assemelhar-se a este. Mas para que isso se torne mais concreto, o homem precisa, além da figura do divino, a figura de um herói, figura essa intermediária que funcionaria como uma etapa. O herói, portanto, “simboliza aquela divina imagem redentora e criadora, que se encontra dentro de nós e apenas espera ser conhecida e transformada em vida”(CAMPBELL, 2007, p.43).

Além de sua relação com o criador da Alquimia, Mercúrio também simboliza o elemento mercúrio, um dos principais elementos trazidos na arte alquímica. Seriam eles o Mercúrio, o Enxofre e o Sal, respectivamente representando o espírito, a alma e o corpo. Segundo o artigo *Alchimia Verde Spagirica Vegetale*, de Mamfred M. Junius, na tradução livre de Daniel Fidélis (2017), esses três elementos servem para o alquimista libertar o corpo e a alma. O mercúrio seria o princípio utilizado para esse feito. Dessa forma, o corpo e a alma são purificados e harmonizam-se.

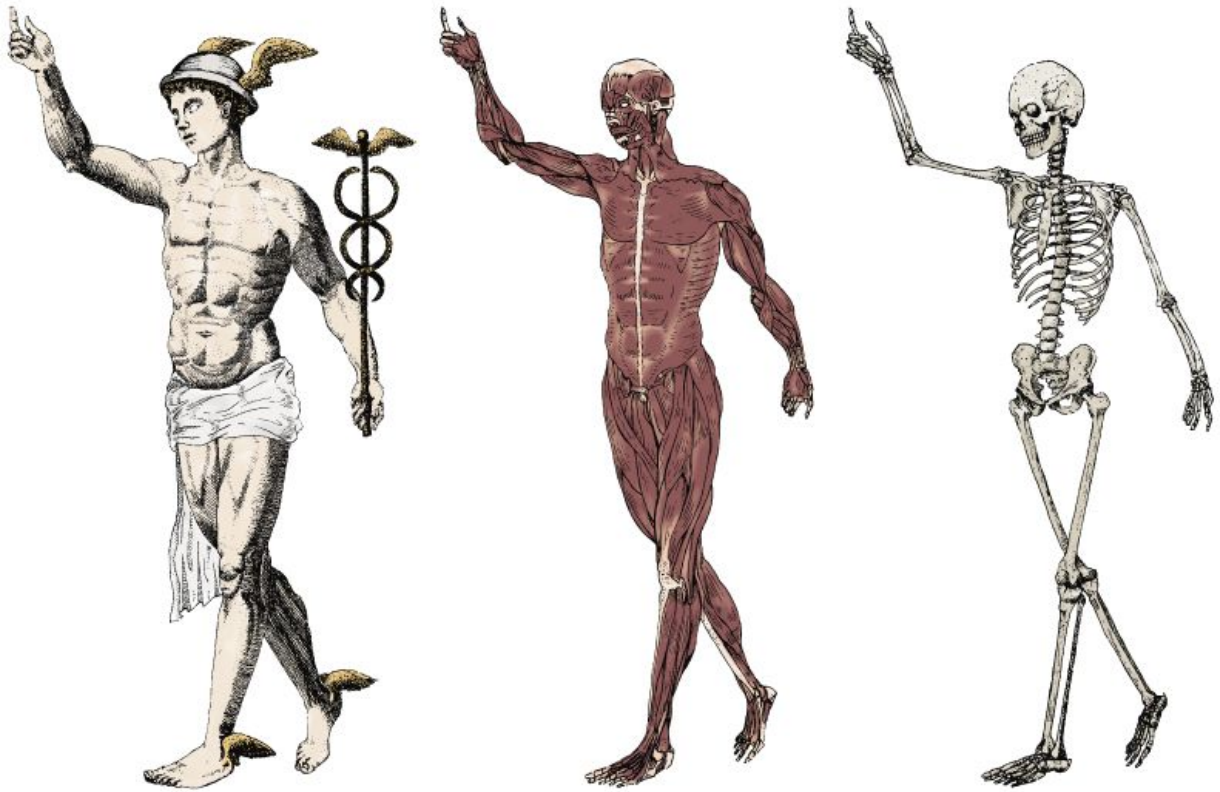


Figura 17: Muriel Peloso. *The Anatomy Of Wisdom* (2019). Desenho digitalizado.

Fonte: autora.

2.3 Coming Home

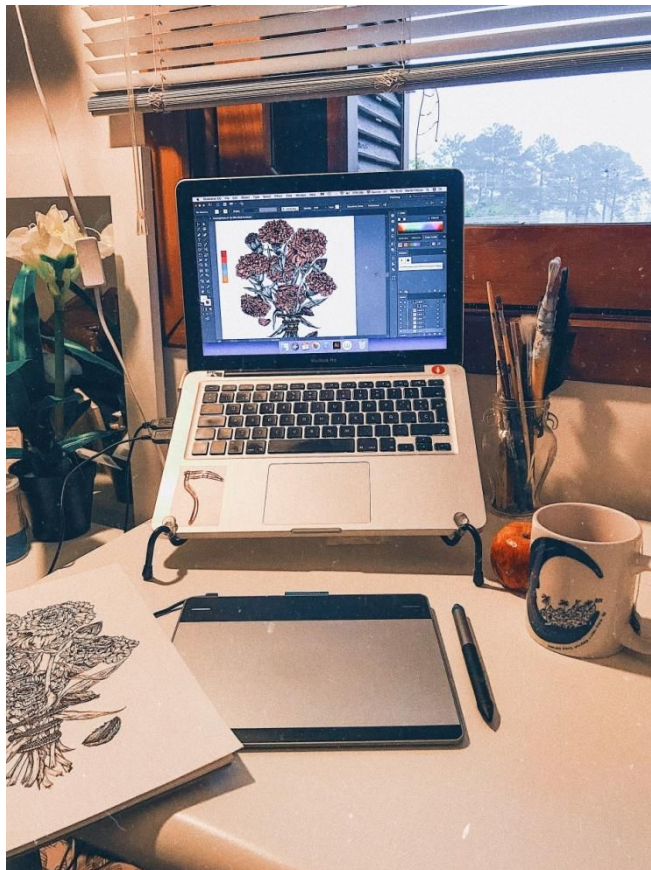


Figura 18 - Fotografia do processo do desenho Coming Home (2019). Foto de: Autora

Segundo as palavras de Maya²⁰, bem como os ensinamentos no livro *O Caibalion* (1978), a alquimia acredita não apenas na reencarnação, mas na existência de diversos planos. A ideia de empatia e compaixão entre os seres humanos seria compartilhar uma “eterna saudade de casa”. A casa significaria, segundo a Alquimia, voltar-se para a unidade em que todos somos um só. A unidade seria o que muitas religiões citariam como Deus, entretanto no contexto alquímico todos somos partes dele apesar de pequenas partículas, cada qual com sua devida importância. Assim, nomeou-se este desenho em sua tradução para o português “indo para casa”.

²⁰ Série comentada do livro *O Caibalion*, da escola Nova Acrópole, ministrada por Maya. Link <<https://www.youtube.com/watch?v=KIUSFoeRw4w&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m>>

Entre estudos alquímicos, um dos assuntos mais pertinentes é, sem dúvida, a ideia da reencarnação e a vida eterna em seus infinitos ciclos. Os simbolismos fazem parte de todo esse contexto de pesquisa e o *Ouroboros*²¹ é certamente, ao meu ver, um dos mais relevantes.

O *bouquet* de sete cravos *Coming Home* (2019) segue a ideia dos sete degraus para a evolução espiritual. Este é segurado por um *Ouroboros* de ouro, representado por uma serpente que engole a própria cauda, um círculo contínuo de criação e destruição. O *Ouroboros* como símbolo alquímico remete à máxima alquímica “*Solve et Coagula*”. É preciso morrer para renascer, é preciso dissolver os defeitos humanos, deixar de ser quem se é para solidificar como um ser humano melhor.

O *bouquet* de cravos coloca-se como um ato simbólico de dar flores em inícios e fins de ciclos na vida. Segundo o Artigo da página *FlowerMeaning*²², o nome científico da flor de Cravo seria *Dianthus*, vindo de uma combinação de duas palavras do latim: “*Dios*” significando deuses e “*Anthos*” sendo flor. O cravo seria considerado a flor dos deuses. Nas variadas tentativas de entender a etimologia do nome *Carnation*, dado em inglês, algumas citam a lenda de Maria, mãe de Jesus, de quem as lágrimas de tristeza, durante a crucificação de seu filho, molham a terra e da mesma brotam e prosperam cravos, justificando assim uma das variações etimológicas do nome que teria surgido da palavra *Incarnation*, encarnação, em inglês.

²¹ Ouroboros é a serpente que morde a própria cauda (eventualmente também um ou dois dragões ou, mais raramente, um ou dois pássaros de pescoço comprido); é símbolo da infinitude, do eterno retorno, da descida do espírito para o mundo físico e do seu regresso. Na alquimia simboliza geralmente a transmutação da matéria. (LEXIKON, 1978, p.151,152).

²² Página <https://flowermeanings.org/carnation-flower-meaning/> (Acesso em 30 de Novembro de 2018)



Figura 19: Muriel Peloso. *Coming Home/ Indo para casa* (2019). Desenho digitalizado.

Fonte: autora.

2.4 The Hall Of Truth

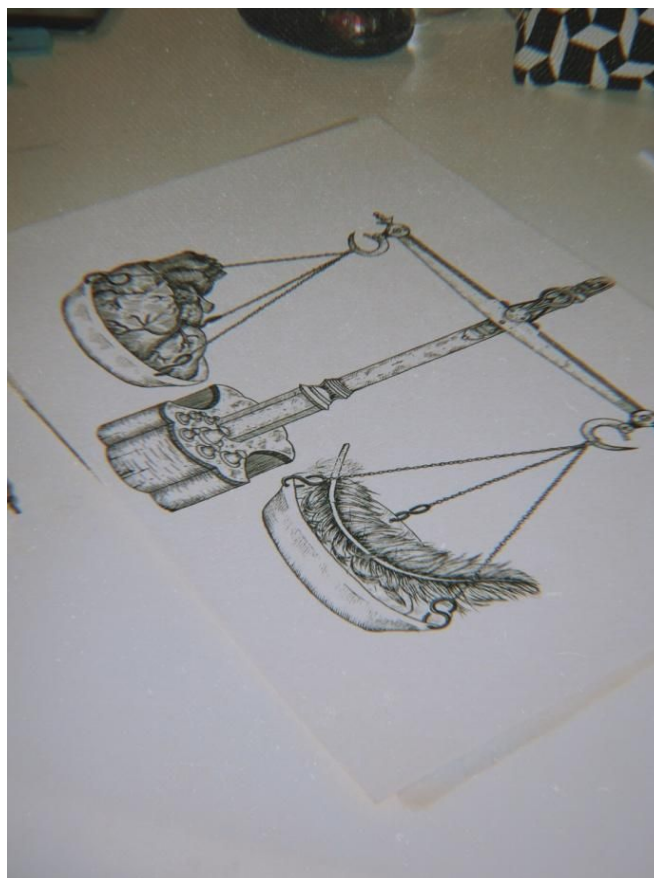


Figura 20 - Fotografia do processo do desenho *The Hall of Truth* (2019). Foto de: Autora

A ideia para o desenho *The Hall of Truth* (2019) (O salão da verdade), surgiu durante uma aula de história no Ensino Médio em que o professor Fabrício Indrusiak contava sobre uma lenda egípcia, a qual ao mesmo tempo em que me parecia perturbadora, encantava-me. A partir do desenho sobre um papiro egípcio retratado em um seção no *Livro dos Mortos*, busquei em meu imaginário construir uma imagem que desse conta de torná-la mais próxima da sensação de quando ouvi a lenda pela primeira vez.

O Salão da Verdade, O Salão das Duas Verdades ou O Salão de Ma'at seriam os nomes dados para o local onde os mortos, segundo a tradição Egípcia, dirigiam-se para o momento do julgamento final. Segundo o livro de Katheryn Bard, *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt* (1999), no julgamento, o coração

do homem morto era colocado em uma balança e do lado oposto da balança era colocada uma pena. Era necessário que o coração do homem fosse tão leve quanto ou mais leve que a pena de Ma'at, deusa da verdade e da justiça, para que pudesse ir para o paraíso, na cultura egípcia chamado de Aaru. Caso contrário, seu coração seria devorado pela deusa Ammit, demônio feminino que, segundo a lenda, devorava almas, e acompanhava a pesagem do julgamento com a deusa da justiça Ma'at. Para que o coração do homem pesasse igualmente ou menos que a pena de Ma'at era necessário que não houvesse pecados, remorsos e arrependimentos. O entendimento de que é necessário para o homem livrar-se de seus defeitos, de emoções e pensamentos inferiores e terrenos é uma constante nas minhas preocupações e buscas em todas as culturas.

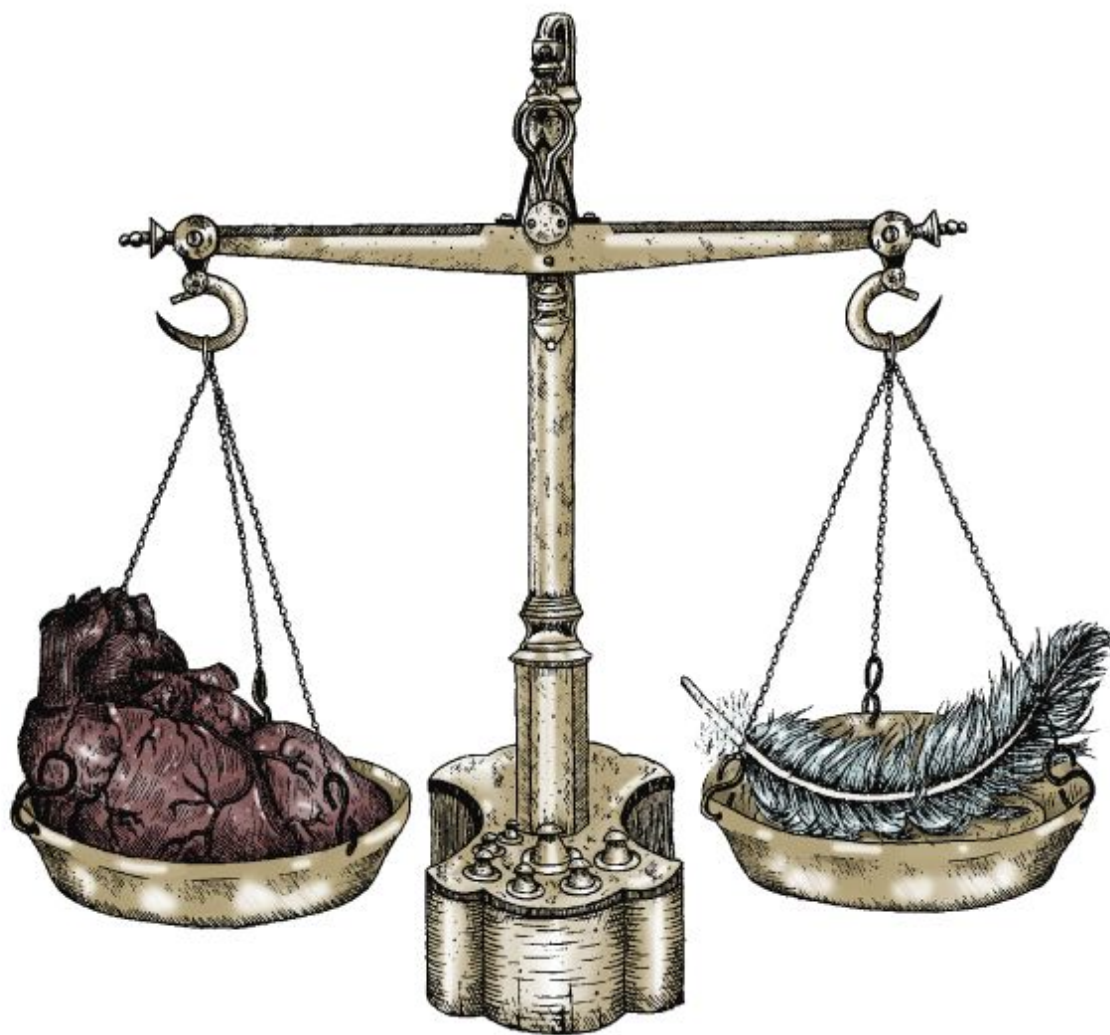


Figura 21: Muriel Peloso. *O Salão da Verdade* (2019). Desenho digitalizado. Fonte: autora

2.5 The Maturation Process

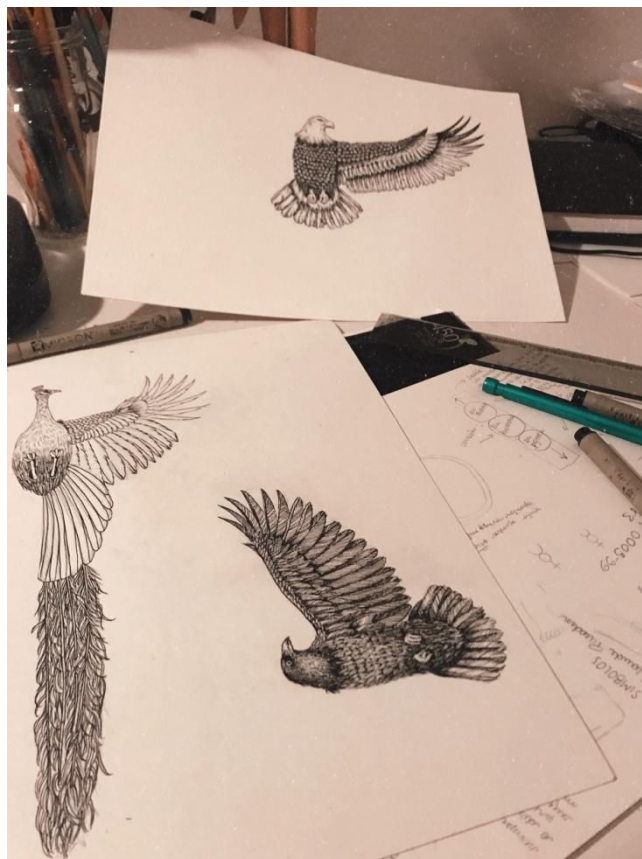


Figura 22 - Fotografia do processo do desenho The Maturation Process (2019). Foto de: Autora

O processo de maturação no processo alquímico prevê a existência de cinco estágios. São fases pelas quais o alquimista deve seguir dissolvendo e solidificando a sua mistura. As fases principais seriam o *Nigredo*, a *Cauda Pavonis*, o *Albedo*, a *Citrinitas* e o *Rubedo*.

Em uma breve explicação, com a ajuda das explicações de Maya e Lopes (2013), o *Nigredo*, a obra em negro, significaria o homem em negro, o homem emergido em suas próprias sombras, longe da luz da sabedoria depara-se frente a frente com seus defeitos e, nessa fase, ainda não sabe como vencê-los, muito menos compreendê-los. Na fase da *Cauda Pavonis*, após perceber sua própria escuridão, o homem compreende que, ao ter consciência de seus defeitos, poderá solucioná-los ou buscar seu contraste. É a fase em que a mistura alquímica torna-se colorida como um arco-íris, como a pena de um pavão, dando o nome de *Cauda*

Pavonis. Na etapa seguinte, o *Albedo*, seria a obra em branco, é o conhecimento da vida espiritual onde inicia o processo da purificação em que o homem consegue mergulhar tão fundo em sua obra em negro que consegue compreendê-lo na claridade, unificando-se ao divino novamente. No estágio da *Citrinitas*, o homem passa por sua maturação principal, a obra em amarelo, onde a mistura é depurada. Esta é a fase de revisar o aprendizado e, entre o dissolver e o coagular, o homem torna-se cada vez mais puro. A fase final, a obra em vermelho, o *Rubedo* é onde a consciência do homem unifica-se, o espírito une-se à alma, torna-se um corpo sólido de luz. É nessa fase que a depuração torna-se suficiente, coagulando a mistura e trazendo à vida a Pedra Filosofal.

Existem muitos símbolos para cada uma das obras alquímicas, não obstante, ao estar sempre interessada por botânica e anatomia animal, chamou-me a atenção o fato dos principais símbolos das três primeiras obras representarem pássaros muito distintos e extremamente fortes em peso simbólico. Aqui, abaixo representados, estão o corvo como a obra em negro, Nigredo, o pavão como a fase intermediária, Cauda Pavonis e a águia como Albedo, a obra em branco.

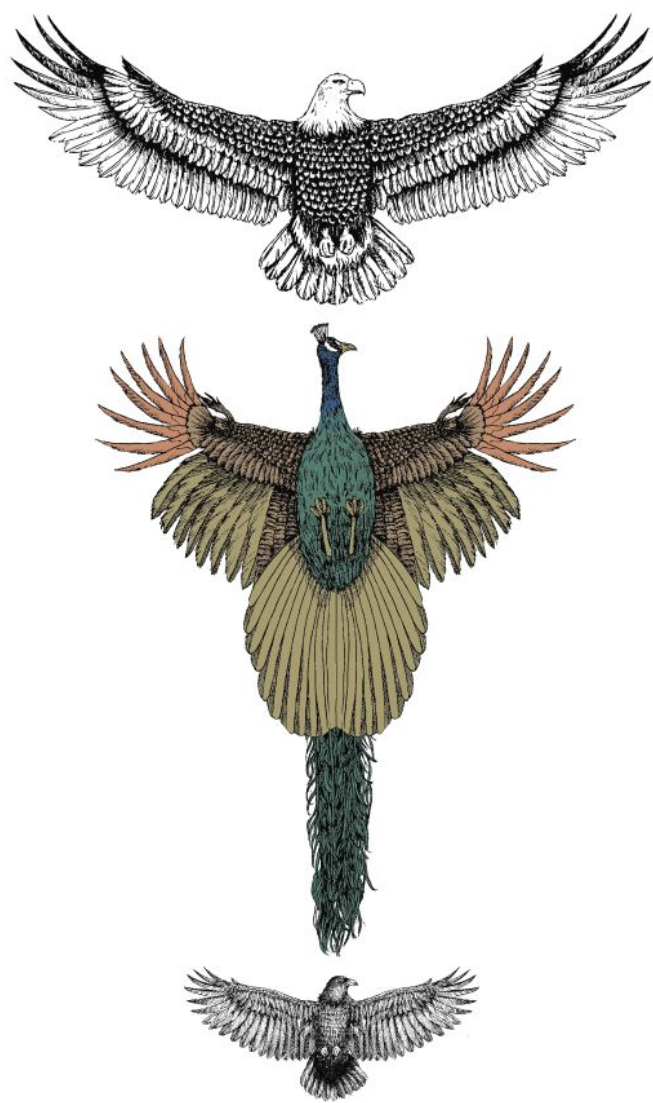


Figura 23: Muriel Peloso. *The Maturation Process* (2019). Desenho digitalizado. Fonte: autora

2.6 Human Vivarium Study



Figura 24 - Fotografia do processo do desenho Human Vivarium (2019). Foto de: Autora

Uma das principais premissas da alquimia é que antes de qualquer coisa, ação ou argumento, o ser humano deve se conhecer. Para melhorar como ser humano, ser um humano de ouro, é preciso mergulhar em suas próprias sombras, entender o seu papel terreno e espiritual. Na filosofia, bem como na alquimia, os ensinamentos sugerem ao ser humano entender a si mesmo para que possa contribuir e gerar mudanças em sua sociedade.

O estudo do Vivarium²³ Humano serve como uma breve análise de quem somos. A única pergunta que justificaria ser perguntada todos os dias. Não posso deixar de trazer um questionamento pessoal, se pudéssemos trazer vida a algum

²³ Vivarium é um recipiente, área ou estrutura adaptada ou preparada para manter animais ou plantas sob condições seminaturais para observação ou estudo; terrarium. Segundo FARIA (1962): viveiro.

objeto inanimado, como seria seu comportamento ao dar-se conta de sua própria consciência? Certamente não sairia agitado em busca de um emprego, dinheiro ou o carro do ano. Somos mais do que o mundo onde fomos inseridos, porém, por conveniência, nosso primeiro questionamento não é "por que existo?" ou "quem sou eu?, por que estou aqui?". Essas perguntas certamente soariam mais lógicas.



Figura 25: Muriel Peloso. *Vivarium Humano* (2019). Desenho digitalizado. Fonte: autora

2.7 Syzygy



Figura 26 - Fotografia do processo do desenho Syzygy (2019). Foto de: Autora

A lei do gênero é uma das leis universais de Hermes Trismegisto e uma das raramente discutidas. Segundo o livro *O Caibalion*, todo e qualquer ser possui uma consciência feminina e masculina. É a partir desse conceito que surge nossa capacidade de criação, geração e regeneração.

Essa lei explica que o gênero manifesta-se em todos os planos, isto é, não apenas no plano físico através do sexo biológico, mas também no plano mental e no plano espiritual. Sendo assim, atributos dos dois gêneros podem ser expressados não apenas em características físicas, mas no agir de cada ser. O feminino liga-se à concepção de ideias, criatividade, intuição, enquanto o masculino expressa-se na lógica, poder racional e ação. A criação virá sempre do equilíbrio entre os dois gêneros.

No simbolismo hermafrodita do cogumelo, seu chapéu representa o gênero feminino, protetor e envolvente, enquanto seu talo, provedor da estabilidade, identifica-se no gênero masculino. Uma sizígia, traduzindo seu título, a harmonização entre os gêneros, da vida até a morte, em um ciclo completo seguindo as leis universais. Além disso, assomando em seu significado, Lexikon (1978) afirma que existem suposições de que cogumelos apenas prosperem em épocas de paz e ordem.



Figura 27: Muriel Peloso. Syzygy (2019). Desenho digitalizado. Fonte: autora.

2.8 The Secret



Figura 28 - Fotografia do processo do desenho *The Secret* (2019). Foto de: Autora

O segredo, não tão secreto assim, da alquimia seria compreender sua primeira e principal lei. Além de compreendermos a busca pela evolução espiritual do homem alquímico, o princípio do mentalismo afirma que o universo é mental. A matéria e tudo que é físico emanam de uma mente única, o todo. A partir disso e dos ensinamentos alquímicos já trazidos aqui, é possível analisarmos que, segundo Hermes Trismegisto, todos os seres fazem parte de uma mente única e criativa. Seguindo este conceito hermético, encontramos a proposição assim abordada pelos *Três Iniciados* (1978) de que uma vez que um homem evolui, todos os homens evoluem, visto que fazem parte de uma consciência única, todos possuem uma essência compartilhada.

Somos como um colar de pérolas, nem todas iguais, umas mais redondas, outras mais brilhantes, porém, todas pérolas, unidas por um fino cordão. Esse cordão, fino e imperceptível muitas vezes, simboliza a nossa essência. Portanto, o cordão que passa por dentro de nós é o mesmo. Neste desenho, registro o momento

em que subindo os sete degraus da evolução, vestidos de pureza, encontramos-nos dentro do universo e o universo dentro de nós.



Figura 29: Muriel Peloso. *The Secret* (2019). Desenho digitalizado. Fonte: autora

2.9 As Above So Below



Figura 30 - Fotografia do processo do desenho As above So below (2019). Foto de: Autora

O que está acima é como o que está abaixo e o que está abaixo é como o que está acima. Nenhuma imagem representaria melhor a segunda lei hermética, o princípio da correspondência. Uma árvore e suas raízes profundas, seu entrelaçar como os galhos propõe um equilíbrio à sua vida útil como um ser.

Segundo *O Caibalion*, nada é igual, porém são planos correspondentes e uma vez compreendido isso, é possível entender a nossa íntima relação com o universo que nos cerca bem como com os planos mais sublimes. Somos correspondentes com o universo e seja qual for o plano em que nos encontrarmos, as suas leis refletirão em nós.

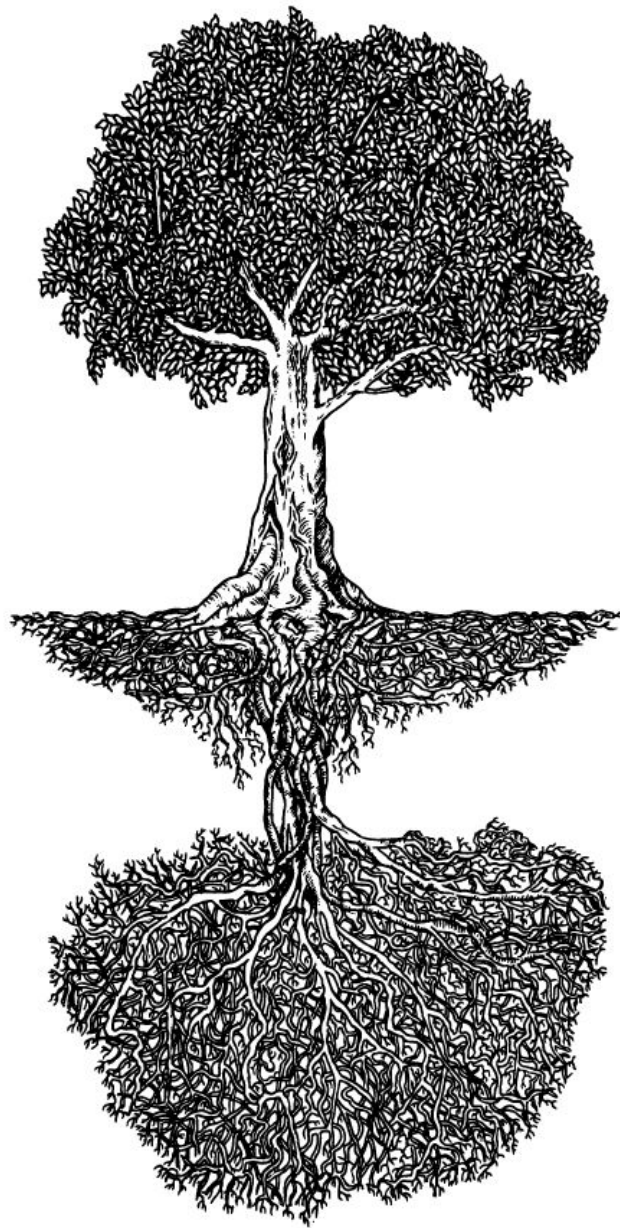


Figura 31: Muriel Peloso. *As Above So Below* (2019). Desenho digitalizado. Fonte: autora.

2.10 *The Material World*



Figura 32 - Fotografia do processo do desenho *The Material World* (2019). Foto de: Autora

“No fundo do mar, a matéria, o plano material e eu, parte de mim real e irreal no infinito paradoxo”, este é um trecho de um poema escrito por mim no ano de 2018. O elemento água é representado pelo mundo material no processo alquímico. A matéria não é refutada, ignorada ou repudiada pelos alquimistas. Eles acreditam na sua importante relevância para todos os seres.

Apesar de Hermes Trismegisto, segundo os autores anônimos do livro *O Caibalion* (1978), apresentar o princípio do mentalismo para que possamos compreender que o que realmente é real seria nossa essência, nossa consciência propondo que a matéria seria irreal uma vez que é perecível, não significa ignorá-la. O mundo terreno é necessário para que possamos compreender experiências e lições que só serão possíveis serem adquiridas aqui.

No desenho *The Material World* (2019) (em português, O mundo material), proponho em uma metáfora, uma análise anatômica e profunda de todos os aspectos do plano físico, um resgate de todos os seus detalhes para que possamos em nossa vida terrena aprender todas as experiências possíveis, podendo assim usufruir ao máximo desse momento evolutivo.



Figura 33 : Muriel Peloso. *The Material World* (2019). Desenho digitalizado. Fonte: autora.

2.11 A Neverending Paradox

O infinito paradoxo, na tradução do título deste último registro. Retomo a ideia do paradoxo alquímico. O real seria o plano mental e o irreal, o plano físico. Entre as idas e vindas entre os dois planos, procura-se entender, segundo a alquimia, que existe a necessidade de viver os dois planos sem ignorar um ou outro, usufruindo das lições que cada um é habilitado a dar. É necessário que o homem caminhe entre esse paradoxo com calma e cautela.

Como no desenho acima, os dois lobos seguem na duplicidade como no princípio do gênero, procuram a harmonização entre os dois planos. No círculo, seguem seu ciclo contínuo de dissolução e coagulação, unindo assim todas as leis universais. Dentro do quadrado, representando o mundo físico, o círculo, o mental e nós, como partículas de uma grande obra.



Figura 34 : Muriel Peloso. *As Above So Below* (2019). Desenho digitalizado. Fonte: autora

3. O ÍNTIMO EXTERIORIZADO

Após o profundo mergulho alquímico na realização dessa pesquisa, encontrei o resultado satisfatório que muito busquei durante os anos que cursei minha graduação no Instituto de Artes da UFRGS. Além dos desenhos impressos em suporte de papel, voltei-me ao design com a proposta de apresentar produtos do varejo, com os desenhos transformados em estampas. Podendo retratar assim, a diferença entre essas duas áreas de conhecimento (arte e design), com suas qualidades e significados.

Uma vez compreendido que o design e a arte podem compartilhar processos criativos, consegui explorar e resolver as questões do *skate* dentro do *Streetwear* no design de moda. O skate agora também era um suporte, arte e estamperia e, com os meus desenhos, tornou-se possível o compartilhamento entre as diferentes áreas de conhecimento.

Dentro dos produtos produzidos estão: bonés, camisetas, *shapes* de *skate* e peças únicas como jaqueta *jeans* e uma *shoulderbag*. Todos esses produtos foram escolhidos porque estão presentes dentro da *Streetwear*, e assim, não apenas retomo, mas ressignifico os meus processos criativos e a linguagem do desenho com seus desdobramentos.



Figura 35 e 36: Muriel Peloso. *Boné com a estampa realizada a partir do desenho The Material World(2019) Foto: autora.*



Figura 37 e 38: Muriel Peloso. *Boné com a estampa realizada a partir do desenho The Material World(2019) Foto: autora.*



Figura 39 e 40: Muriel Peloso. *Shoulderbag com a estampa realizada a partir do desenho The Material World(2019)* Foto: autora.



Figura 41 e 42: Muriel Peloso. *Boné com a estampa realizada a partir do desenho Coming Home (2019)* Foto: autora.

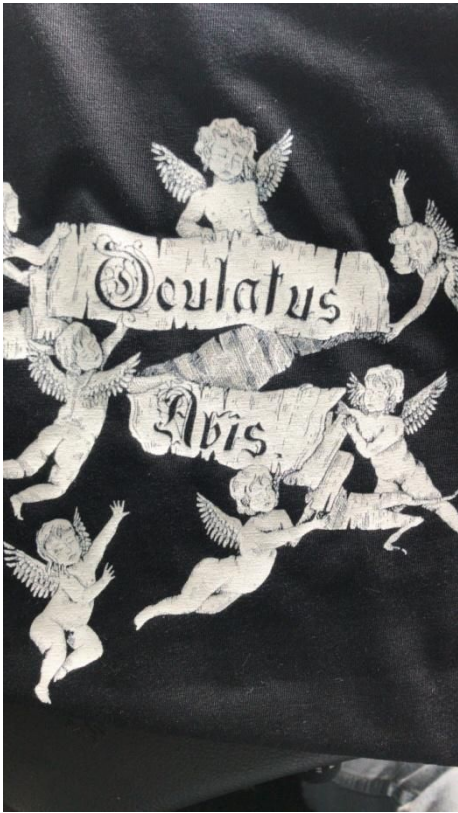


Figura 43 e 44: Muriel Peloso. *Detalhes de estampas em camisetas a partir dos desenhos Human Vivarium e Oculatus Abis (2019) Foto: autora.*



Figura 45 e 46: Muriel Peloso. *Boné com a estampa realizada a partir do desenho The Anatomy of Wisdom(2019)* Foto: autora.



Figura 47: Muriel Peloso. *Tecido estampado a partir do desenho The Hall of Truth(2019)*
Foto: autora.

CONCLUSÃO

Em maio de 2019, apresentei a exposição *Oculatus Abis* (2019) na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, no Instituto de Artes da UFRGS. Os doze desenhos impressos em papel foram expostos na parede branca. As composições entre os desenhos (Fig. 51) foram dispostas através das cores e de seus respectivos pesos para que ajudassem o espectador na leitura das imagens. À esquerda dos desenhos, encontravam-se duas mesas-vitrine (Fig. 52), onde dentro foram expostos os produtos confeccionados a partir dos desenhos criados e com até mesmo estampas corridas geradas dos mesmos (Fig. 53).

De extrema importância era poder visualizar os desenhos dispostos e juntos, pensando em sua leitura, pois, tendo como minha principal referência o livro *Mutus Liber*, almejo futuramente uni-los a novos desenhos que pretendo desenvolver para a formatação de um livro-objeto de artista, podendo assim unificar todos esses registros e ensinamentos.

Na construção e no desenvolvimento dessa exposição, pude perceber que as bases do início desse estudo mantiveram-se mesmo que sutis até em seu resultado final. Do *skate*, mantive seu *shape* como suporte para a estampa do produto, bem como outros elementos do *Streetwear* utilizados por *skatistas*: suas camisetas largas, as *shoulderbags* e os bonés. Do design, mantive não apenas a técnica do design gráfico, mas também o resultado do design de produto juntamente com o design de moda na apresentação das peças produzidas. Nada foi excluído ou esquecido, mas incorporado dentro desse estudo trazendo a autenticidade necessária que justifica o resultado dessa jornada.

Sabendo disso, foi possível assim desatar todos os preconceitos criados durante a minha trajetória dentro da academia. Fui percebendo que dentro da arte foi possível resolver toda e qualquer problemática que surgiu no decorrer desse processo. E, como na alquimia, foi necessário conhecer e reconhecer a artista que posso ser para poder gerar a arte que me condiz.

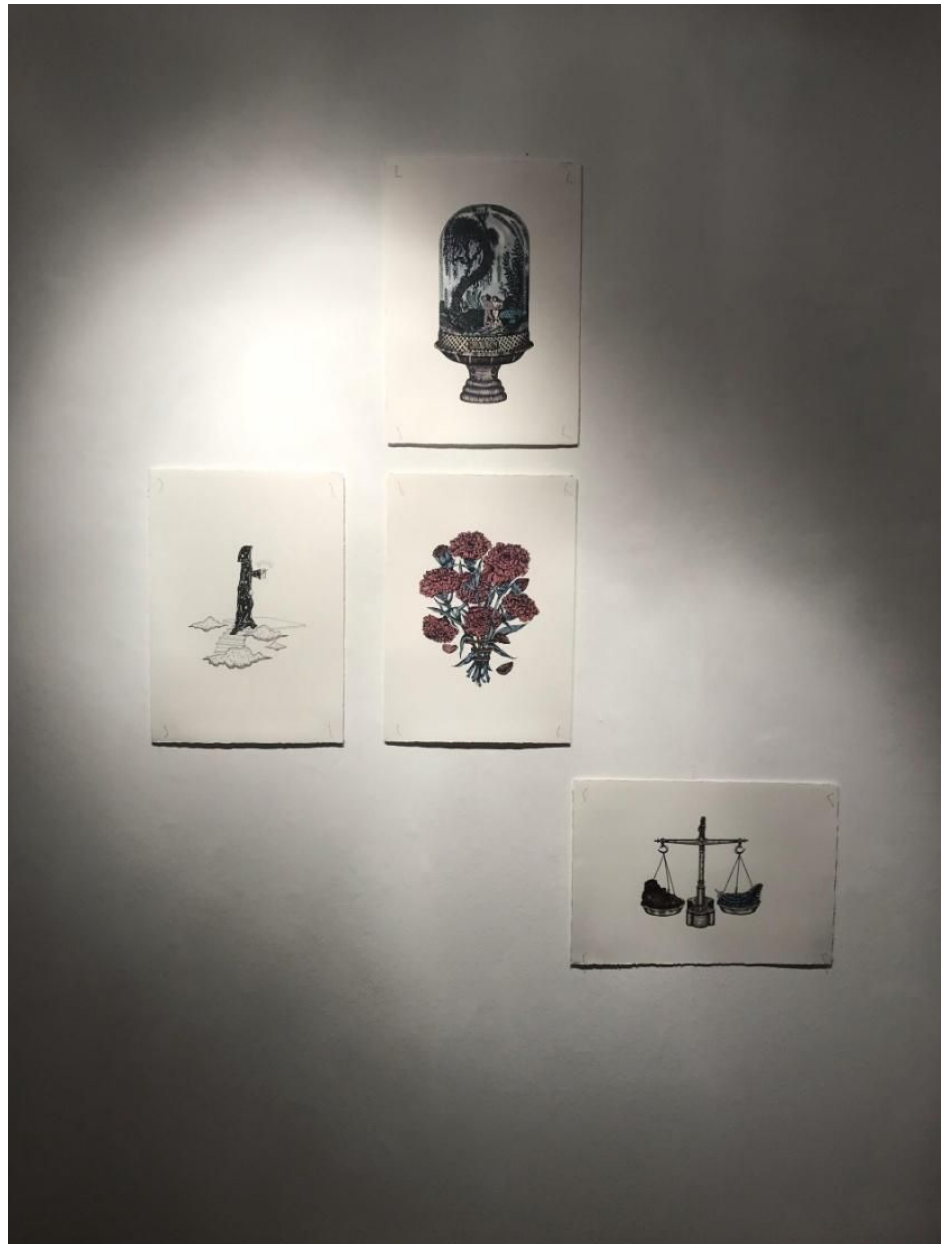


Figura 48: Muriel Peloso. Detalhes da *exposição Oculatus Abis (2019)* Foto: autora.



Figura 49: Muriel Peloso. Detalhes da exposição *Oculatus Abis* (2019) Foto: autora

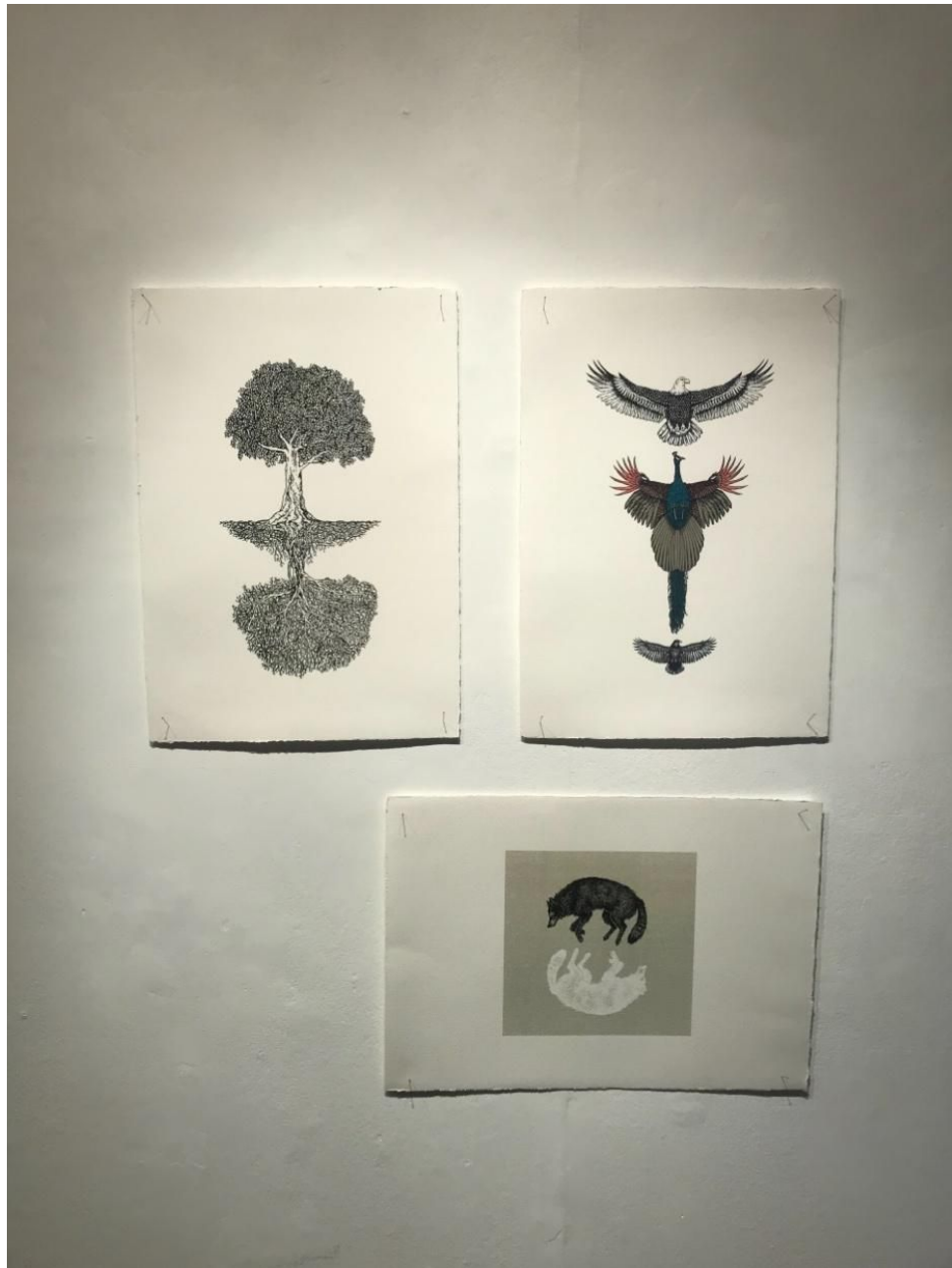


Figura 50: Muriel Peloso. Detalhes da *exposição Oculatus Abis* (2019) Foto: autora



Figura 51: Muriel Peloso. Detalhes da *exposição Oculatus Abis* (2019) Foto: autora



Figura 52: Muriel Peloso. Detalhes da *exposição Oculatus Abis* (2019) Foto: autora

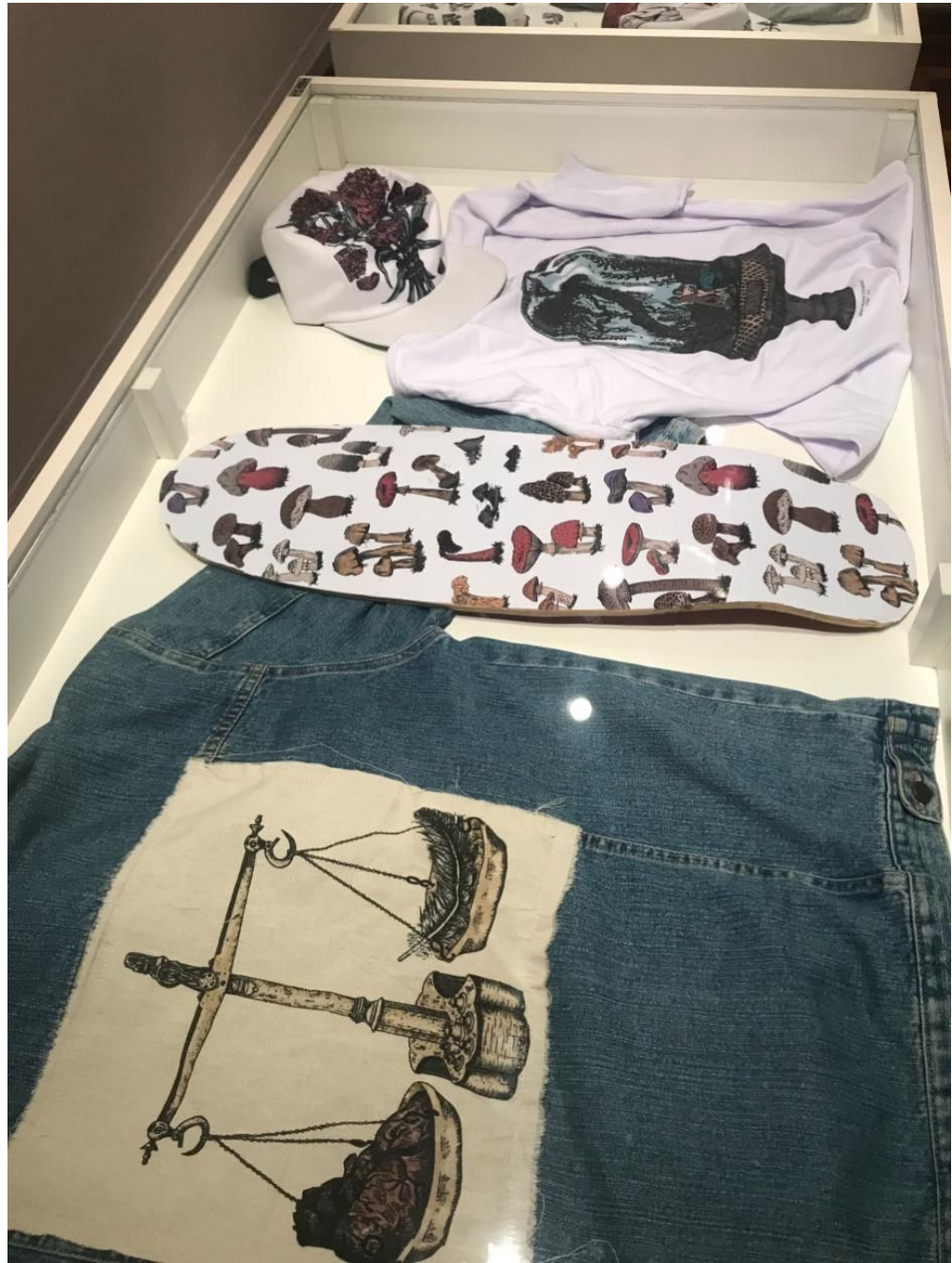


Figura 53: Muriel Peloso. Detalhes da *exposição Oculatus Abis* (2019) Foto: autora



Figura 54: Muriel Peloso. Detalhes da *exposição Oculatus Abis (2019)* Foto: autora

REFERÊNCIAS

ARANTES, Priscila. "Arte e Mídia – Perspectivas da Estética Digital" 2ª Edição. São Paulo: Senac, 2012.

BARD, Kathryn. "Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt". London: Routledge, 1999.

BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORDES, Juan. La infancia de las vanguardias: sus profesores desde Rousseau a la Bauhaus. Coslada: Cátedra, 2007.

BRANDÃO, Leonardo. "Para além do esporte – Uma história do skate no Brasil". Blumenau: Edifurb, 2014

CAMPBELL, Joseph. O Herói de Mil Faces. 1ª ed. São Paulo: Cutrix/Pensamento, 2007.

CANAL, Nova Acrópole <<https://www.youtube.com/user/NovaAcropole>> Acesso em 25 abr. 2019.

CANSELIET, Eugène. "Mutus Liber: O livro mudo da alquimia", 1968. <<https://document.onl/documents/mutus-liber-o-livro-mudo-da-alquimiapdf.html>> Acesso em 4 de fev. 2019.

CARDOSO, Rafael. "Uma introdução à história do design". São Paulo: Blucher, 2008.

CARVALHO, José Jorge. "Mutus Liber: O livro mudo da alquimia". São Paulo: Attar Editorial, 1995.

COSTA, Laís. "Pop Art e Moda". Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

CUNNINGHAM, Scott. "Guia Essencial da Bruxa Solitária. São Paulo: Gaia, 1997.

CUPERTINO, Pedro. "Dentro e Fora: Manobras entre o skate e a arte nos autorretratos de Fabiano Rodrigues". Porto Alegre: Trabalho de Conclusão de Curso publicado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

DE BOTTON, ALAIN e ARMSTRONG, JOHN. "Arte como terapia". São Paulo, 2014.

DIDI-HUBERMAN, GEORGES. "Diante da imagem". São Paulo: Editora 34, 2013.

DOMINGUES, Diana. "A arte no século XXI: a humanização das tecnologias". São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

DUJOLS, Pierre (Magaphon). "Hypotypose". 1936
<https://www.magia-metachemica.net/uploads/1/0/6/2/10624795/mutus_liber.pdf> Acesso em 4 abr. 2019.

EVOLA, Julius. "A tradição hermética". Lisboa: Edições 70, 1971.

FARIA, Ernesto. "Dicionário Escolar Latino- Português". Campanha Nacional de Ensino, 1962.
<<https://archive.org/details/DicionarioEscolarLatinoPortuguesDoMecPorErnestoFaria1962>> Acesso em 4 de fev. 2019

FLUSSER, Vilém. "Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia". Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2002.

Flower Meaning. "Carnation Flower". <<https://flowermeanings.org/carnation-flower-meaning/>> Acesso em 30 nov. 2018.

FOSTER, Hal. "O retorno do real". São Paulo, SP: Cosac Naify, 2014

GOMBRICH, E. H. "A história da arte". Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 2000.

JUNG, Carl. "Estudos Alquímicos 13". Petrópolis: Vozes, 1978

JUNG, Carl. "Estudos Experimentais 2". Petrópolis: Vozes, 1979.

JUNG, Carl. "Psicologia e Alquimia". Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNIUS, Mamfred. "Alchimia Verde Spagirica Vegetale". Tradução de Daniel Fidélis, 2017
<<https://alquimiaoperativa.com/tres-principios-quatro-elementos-quintaessencia/>> Acesso em 26 abr. 2019.

LEXIKON, Herder. "Dicionário de Símbolos". São Paulo: Cultrix, 1978.

LIESER, Wolf. "Arte Digital". São Paulo: Editora H.F.Ullmann, 2010.

LOPES, Fernando. "Imaginário, Arte e Alquimia: Itinerários para uma educação da sensibilidade. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2013.

MOURA, Rafael. "Três formas de arte com skate, além das manobras." Disponível em:
<<https://www.redbull.com/br-pt/a-arte-com-skate-alem-das-manobras-com-tres-artistas>> Acesso em 25 abr. 2019.

NICHOLS, Sallie. "Jung e o Tarô: Uma jornada arquetípica". São Paulo: Cultrix, 2007.

POPHAM, A. E. The drawings of Leonardo da Vinci. New York: Reynal & Hitchcock, 1945.

RANCIÈRE, Jacques. "A partilha do sensível". São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. "O destino das imagens". Lisboa: Orfeu Negro, 2011.

RAYMUNDO, Ícaro. "Quando a fonte evapora: Estética em plano digital com Vaporwave". Porto Alegre: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2016.

TRÊS INICIADOS. "O Caibalion". São Paulo: Pensamento, 1978.